

MONJA COEN E CLÓVIS DE BARROS FILHO

A MONJA E O PROFESSOR

reflexões sobre ética, preceitos e valores

1ª edição



BestSeller

Rio de Janeiro | 2018

SUMÁRIO



Apresentação: monja Coen	9
Apresentação: professor Clóvis de Barros Filho	15
Capítulo 1: Felicidade – Ética – Preceitos	17
Capítulo 2: Identidade – Fidelidade – Princípios	51
Capítulo 3: Moral – Meditação – Transformação	81
Encerramento	117
Monja Coen por monja Coen	119
Professor Clóvis de Barros Filho: Apresentação de mim mesmo	125

APRESENTAÇÃO

MONJA COEN



Quando Raïssa Castro, do Grupo Editorial Record, me procurou e perguntou se eu me interessaria em dialogar com o professor Clóvis, fiquei muito contente. “Com certeza”, respondi. E passei a aguardar com alegria a chegada desse momento.

Conheci pessoalmente o professor Clóvis de Barros Filho quando palestramos no mesmo evento em 2017. Para meu contentamento, ele falaria antes de mim. As oportunidades que tenho de ouvir outros pensadores acabam se resumindo a esses encontros ou às redes sociais, à televisão e ao YouTube.

Ao entrar no pavilhão, no dia do evento, encontrei-o cercado de pessoas, no corredor que levava à sala de conferência.

Eu o conhecia das redes sociais, sempre sentado, conversando com Leandro Karnal, Mario Sergio Cortella. Quando pessoas inteligentes falam, não dou importância à sua aparência física nem fico calculando seu peso ou sua

altura. Por isso fiquei surpresa ao vê-lo em pessoa. O professor Clóvis é alto, talvez tenha mais de 1,85 metro. Forte e com suaves olhos azuis. Olhos que lembram os do meu pai e que logo me fizeram considerar o professor um homem bonito.

Fiquei na primeira fileira, bem em frente ao local onde ele iria falar. Aguardei, contente por estar próxima e por ter o privilégio de assistir a uma de suas palestras. A caixa de som ficava bem perto da minha poltrona, o que foi bom e ruim ao mesmo tempo. O som foi num crescente, crescente, crescente.

O professor Clóvis costuma se entusiasmar bastante enquanto fala. Sua voz soava cada vez mais alta e forte. O som reverberava por todo o meu corpo. Ele é professor, então dá aulas sem microfone, pensei. Nada mais se ouvia naquela sala, a não ser seus exemplos didáticos e inteligentes.

Falava muito em potência. Dizia que sua potência aumentava de acordo com o retorno que recebia de sua plateia.

A resposta naquele dia era cada vez mais positiva, e a potência do professor, cada vez mais elevada.

No final, todos nos levantamos e o aplaudimos incessantemente. Então, me chamaram ao palco. Por sorte ele já tinha ido embora. Seria ainda mais embaraçoso se ele houvesse ficado. Já era difícil o suficiente falar depois da sua potência de voz, potência de conteúdo.

O segundo encontro foi em seu apartamento, para o diálogo que deu origem a este livro. Como eu havia me enganado de edifício, acabei chegando alguns minutos atrasada. Não gosto de me atrasar, nem de me adiantar. Pon-

tualidade é chegar na hora. Mas, já me sentindo em falta com um professor de ética, entrei na casa dele.

Gentil e sorridente, ele nos recebeu. Eu estava com Raïssa, da editora, e um editor de sua equipe, Thiago Mlaker, que iria gravar nossa conversa. Na sala havia dois grandes sofás macios — onde seria o lugar favorito do professor? Eu não queria tomá-lo. Quando estamos em casa, costumamos nos sentar sempre no mesmo lugar. Como visitante, eu poderia me acomodar no espaço dele sem querer, e isso talvez criasse alguma dificuldade em nosso encontro. Morei durante 12 anos no Japão. Aprendi a procurar sempre o lugar de menos poder em uma sala.

Bem, assim que nos sentamos — provavelmente nos lugares adequados —, o professor começou a falar. Como ele mesmo comentou, e está no livro, foi dele o pontapé inicial. Pontapé de jogo de futebol. Íamos jogar e não lutar.

Aprender a dialogar tem sido uma tarefa agradável para mim. Nem sempre fácil, e por isso mesmo estimulante. Algumas vezes quero impor meus pensamentos, os ensinamentos de Buda ou um ponto de vista resultante de minha experiência de vida.

Este diálogo fluiu bem, e fiquei muito feliz quando o professor Clóvis se propôs a dar o tom de nosso encontro: ética, felicidade, respeito, valores, princípios, excelência.

Antes de começar a conversa, uma senhora que trabalha há mais de trinta anos na casa do professor estava de saída. Fomos apresentadas, e eu lhe perguntei: “Ele é um homem bom?” Ao que ela respondeu, sorrindo: “Excelente!”

O professor Clóvis preparou café para nós, serviu água e nos deixou à vontade em sua casa. Uma sensação de liberdade respeitosa.

O diálogo que mantivemos por quatro horas foi muito importante e revelador. E o resultado é o livro que você tem em mãos.

Este livro é resultado de um encontro extremamente saudável e agradável entre um ser inteligentíssimo e erudito e esta monja zen-budista. Cada um com sua vivência, cada um com sua bagagem, cada um recorrendo aos próprios referenciais de literatura e de aprendizado. Nenhum dos dois mostra certezas, mas ambos apresentam caminhos.

Espero que você, leitor, leitora, possa apreciar e sentir um pouco do clima suave e inspirador de nossas reflexões. Que seja capaz de ler, compreender — mesmo que precise ler mais de uma vez — e colocar essas reflexões em prática.

Cada ser que desperta, cada ser que se torna um átomo de paz, felicidade, ética, cada ser que procura viver valores e princípios corretos beneficia toda a vida na Terra.

Nós somos a vida da Terra. Estamos interligados a tudo e a todos. Nossa felicidade e nosso bem-estar precisam da felicidade e do bem-estar de todos os que nos cercam.

O que é ser feliz ou estar feliz?

A raiz da palavra “feliz” é a mesma de “fértil”, “frutífero”. Mas o que é ser feliz ou estar feliz?

O que você faz, fala, experimenta, vive, decide, escolhe, pratica, estuda, ensina, educa, alimenta, veste, medica, cura, traduz, escreve, lê, assiste, pensa, medita, ora... todas as ações e atitudes do seu dia a dia seguem princípios éticos? Você procura se aperfeiçoar, dar o seu melhor mesmo nas coisas mais simples da vida?

Espero que este livro estimule suas sinapses neurais para que você desenvolva o estado de contentamento com a existência. Naturalmente, então, ele fará o bem a todos os seres.

Mãos em prece.

APRESENTAÇÃO

PROFESSOR CLÓVIS DE BARROS FILHO



A fama precedeu o encontro. De fato, é o que costuma acontecer. A maior autoridade budista do país, uma mulher que pensa a vida e vive de acordo com esse pensamento. Que permanece fiel a seus entendimentos. Que foi estudar longe. Que, no outro lado do mundo, reconheceu seus mestres. Que não se contentou com formações ortodoxas. Que não se satisfez com a promissora carreira de jornalista.

Nós nos conhecemos em Uberlândia durante um evento sobre novas tecnologias. Entupido de jovens, nem ela, nem eu entendíamos de inovações. Talvez por isso mesmo fôssemos tão esperados. Era enfadonho ensinar o pai-nosso ao vi-gário. Amabilíssima, ela disse que me conhecia do mundo digital. E que tinha ido à palestra movida pela curiosidade.

Sua presença dava peso à minha intervenção. Educado no mundo ocidental em instituições carregadas de cartesianismo, inspirado por platônicos mundos ideais e esculpido na

moral kantiana, a presença de uma autoridade budista de destaque só poderia me fazer tremer nas bases.

Certo de ser tomado como o porta-voz do crepúsculo, já imaginava a irrespondível provocação a respeito da origem de tantas muletas metafísicas. Tentei dar tintas vitalistas ao discurso. Falei de potência de agir, de vontade de potência, de dissolução da subjetividade. Antecipei a avaliação de tão oportunista estratégia por parte da qualificada interlocutora.

Não nos encontramos na saída. Até que Raïssa Castro, da editora BestSeller, costura uma colaboração. “Será que a monja aceitaria?” Foi minha primeira reação. Aliviado ao saber que havia topado o diálogo, pensei que ela não devia ter me achado tão ruim assim, no fim das contas.

Ofereci minha casa como o local do encontro. E, numa tarde inesquecível, conversamos. Trocamos ideias. Fizemos associações livres e dirigidas. E, graças a um competente trabalho editorial, o resultado de tudo isso está neste livro que nos atrevemos a submeter à sua apreciação, querida leitora, querido leitor.

CAPÍTULO 1

FELICIDADE – ÉTICA – PRECEITOS



PROFESSOR CLÓVIS: Bom, gostaria de começar deixando registrado que é um privilégio participar deste diálogo com a monja Coen, colega de trabalho e pessoa cujo reconhecimento dá conta da profundidade e da pertinência de tudo o que pensa. É uma grande satisfação para mim.

Agradeço também o convite da editora, sem cuja iniciativa nada disso seria possível. Com certeza a monja e eu faremos de tudo para atender às expectativas deste trabalho.

Há dois temas que costumam chegar até mim como demanda por conferências, palestras, aulas. São os temas da ética e da felicidade. E, claro, imagino que os dois assuntos estejam muito na moda. É muito curioso: quase sempre me pedem que escolha um dos dois temas, mas nunca me solicitam uma relação entre ambos. Isso me faz

refletir sobre por que esses temas são entendidos separadamente.

Vale lembrar que a palavra *ética* é indiscutivelmente vinculada ao pensamento antigo, ao pensamento grego, e tem na produção de Aristóteles talvez sua iniciativa mais sistematizada.

Se pudéssemos perguntar ao filósofo o que ele de fato quis dizer com a palavra *ética*, provavelmente responderia que buscava uma espécie de avaliação da vida, uma espécie de valorização, uma reflexão sobre se viver valeu a pena ou não.

Imagine que estamos em um velório, por exemplo, e ocorre uma discussão sobre se a vida do falecido foi bem-sucedida, bem-vivida, ou se foi uma vida fracassada. Pois muito bem. Tenho a impressão de que, para Aristóteles, ética seria uma espécie de métrica de avaliação do valor da vida. Ora, curiosamente, quando a palavra “ética” surge, revela-se muito vinculada à ideia de felicidade, o que Aristóteles chamava de *eudaimonia*. É muito interessante, porque, no fim das contas, seria impensável uma desvinculação, ou seja, a possibilidade de uma vida feliz sem ética ou de uma vida ética sem felicidade. Seria impensável, porque uma é uma espécie de avaliação da outra, a métrica, a medição da outra.

Bem, claro, sendo assim, caberia a pergunta: *Então como a ética e a felicidade se vinculariam?* Tenho a impressão de que o terceiro pilar desse pensamento é a própria natureza. Aristóteles entendia que a felicidade era diretamente ligada ao respeito pela própria natureza e, de certa maneira, a uma vida

que tivesse na natureza de si mesma uma referência inabalável. Isso lhe permitiu formular o conceito de excelência. O que seria excelência? Seria, justamente, ao longo da vida, tirar de si mesmo, em forma de *performance*, de conduta, de comportamento, de disposição, o que a natureza permitiria de melhor.

Então, de certa forma, a felicidade, como a busca da excelência, implicava algum conhecimento de si mesmo, porque, embora tenhamos características em comum — por exemplo, nossa capacidade de pensar, de criar símbolos etc. —, temos muitas particularidades, especificidades, que são da natureza de cada um. E esse conhecimento de si mesmo é que permitiria uma espécie de exploração saudável dos próprios recursos.

Essa é uma referência fantástica para quem gosta de falar sobre escolhas, porque a vida pode ser vivida em respeito à própria natureza ou com o freio de mão puxado, na contra-mão de si mesmo.

Assim, temos exemplos de pessoas que usaram a vida para explorar o que têm de melhor. É o caso do maestro João Carlos Martins, que venceu um milhão de desafios pessoais para viver da música, porque a música é seu talento, é um dom natural dele. O maestro correu atrás para mostrar, ao longo da vida, o que ele mesmo possui de melhor: sua natureza musical. Naturalmente, o conhecimento de si mesmo não basta, mas é o primeiro passo para que, com empenho, determinação, sacrifício e dedicação, possamos nos superar, nos aperfeiçoar. Isso seria a tal da felicidade!

Gosto muito dessa ideia, e imagino que a monja deve ter algo a dizer a respeito. Quando você vive a vida sem nenhuma expectativa de aperfeiçoamento, se você acorda de manhã para fazer o que sempre fez mais ou menos do mesmo jeito, a vida é meio sem graça mesmo. É entediante. Você apenas a empurra com a barriga. E por quê? Porque sem o desafio da superação em si — e a palavra “desafio” nunca sai de moda, por indicar algo positivo ao homem —, que você mesmo estabeleceu, e tendo a felicidade como prêmio máximo a ser alcançado, não se consegue compreender que cada instante é valioso por ser uma oportunidade de ir além. É quando você vai além no aperfeiçoamento de si mesmo que tem certeza do valor daquele momento. Por outro lado, se você vive sem essa expectativa, aí meio que tanto faz. Nesse caso, a vida costuma ser mesmo entediante. É o que acontece com aqueles que ficam olhando para o relógio esperando que o tempo passe logo.

É curioso, porque, como a vida acontece naquele instante, na hora em que você quer que o tempo passe logo, existe aí uma dimensão de querer que aquela vida acabe, o que alguns poderiam chamar de “dimensão suicidária”. Quer dizer, se a única vida que temos para viver é esta aqui, entre nós, neste diálogo, neste momento, fazendo este livro, e se eu quero que este momento acabe, então estou de certa maneira me indispondo com a vida que estou vivendo, estou negando a vida que estou vivendo, o que implica uma postura muito próxima de quem toma a decisão de abreviar a própria existência.